

Apareceu a Parisot

Atriz, designer de bolsas, ilustradora e, agora, escritora incentivada por Rubem Fonseca

Reprodução



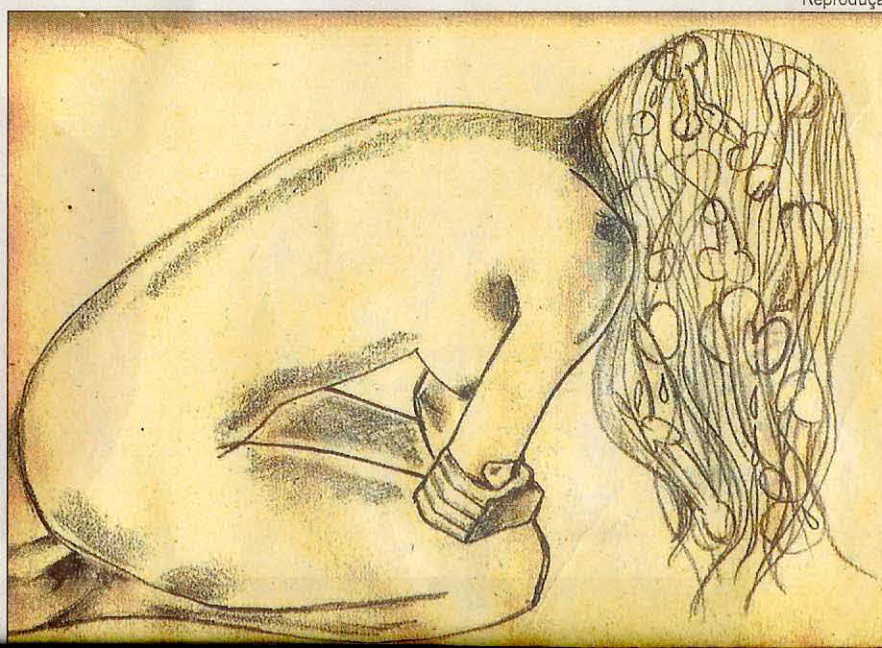
Reprodução

PAULA PARISOT

em sua casa: aos 13, dormia em uma biblioteca

paula parisot a dama da solidão

COMPANHIA DAS LETRAS



UMA DAS
ilustrações
que a autora
fez para o
livro: papel
do século
XVIII

A CAPA do livro, dedicado a Rubem Fonseca

Primeira-dama muda cara da república francesa
Página 5

O abraço bom da guru hindu Amma
Página 7

Carolina Isabel Novaes

Há cerca de quatro anos, Paula Parisot bateu à porta de uma assessoria de imprensa para apresentar seu trabalho: bolsas. Lindas bolsas. Contou que acabara de chegar de Nova York, onde exercia a profissão de atriz; tinha encenado, inclusive, uma peça off-off-Broadway. Fizera também, já no Rio, teste para uma novela da Rede Globo. Mas, naquele momento, dedicava-se às bolsas; vendia para a Clube Chocolate e chegou a abrir a própria loja, em Ipanema, a Pi ao Quadrado. Uma funcionária roubou todo o caixa e ela fechou o estabelecimento.

Tempos depois, estava interessada em escrever. Havia lançado uma bolsona metalizada com textinhos de Mário Prata. E, eis que, agora, Paula apresenta um livro, pela Companhia das Letras. É o "Dama da solidão", uma reunião de contos eróticos, a ser lançado na próxima terça-feira, na Livraria da Travessa do Shopping Leblon.

— Não acho que o livro seja erótico. Nietzsche tem aquela expressão: "vidas possíveis". E havia tanta coisa engasgada que eu tinha que pôr para fora.

Geração pós-feminismo

• Coisas do tipo: "Sempre, antes de me entregar a ele, pensava: fazer amor ou pular pela janela?". Paula já quis ser tudo, ela mesma diz — e foi. Faltava ser escritora, e, assim como em tudo o que fez, saiu-se bem: bateu na porta da editora e conseguiu o que queria. O livro é descomplicado, bom de ler. É dedicado a Rubem Fonseca; os dois se conhecem "da vida, do Leblon". Ele lhe indica leituras interessantes, ela lhe mostra alguns textos seus. Mas o livro ela não mostrou, "porque, se ele dissesse que estava ruim, eu desistiria de escrever para sempre".

— A Patrícia Melo (a escritora) me disse que comecei pelo mais difícil, contos — diz.

A mais nova autora tem em torno de 30 anos (ela não diz a idade, não quer parecer nova hoje, nem velha daqui a alguns anos), é bonita, estilosa. Assume sem pudores que gosta de moda. Concluiu o mestrado em belas-artes na New School, em Nova York (sua tese era sobre o método Stanislavski de teatro), e graduação em desenho industrial. Trabalhou como ilustradora em revistas e jornais franceses, incluindo "Le Monde". O "Dama da solidão" ela queria ilustrar, e chegou a desenhar mulheres nuas com pênis nos cabelos (nesta página), mas ficou sem jeito de pedir para incluir na edição. Paula só rabisca em papel do século XVIII comprado em lojinhas de Paris. "É melhor para desenhar", diz. Pesquisa os temas em periódicos, trabalha em campo (foi à Rocinha para pensar em um conto), revê diários que escreve desde os 15 anos. A "paixão por livros" vem desta época. Aos 13 anos foi morar com a avó, na Urca, onde instalaram seu quarto na biblioteca.

— Primeiro, eu detestava aquele lugar. Era escuro, o teto alto. Devia ter uns cinco mil títulos ali. Até que vovó me deu de presente "Feliz ano novo", do Rubem. Não parei mais.

Agora trabalha em um monólogo e um romance, e ainda mantém a grife de bolsas. Sobre "Dama da solidão", Rubem teria dito que Paula era mais machista que ele mesmo. Pessimismo em relação aos homens?

— Eu não sou machista. Mas também não sou feminista. Sou de uma geração pós-feminismo. Sinto falta de um homem abrindo a porta do carro, não é? ■

SÁBADO, 4 DE AGOSTO DE 2007